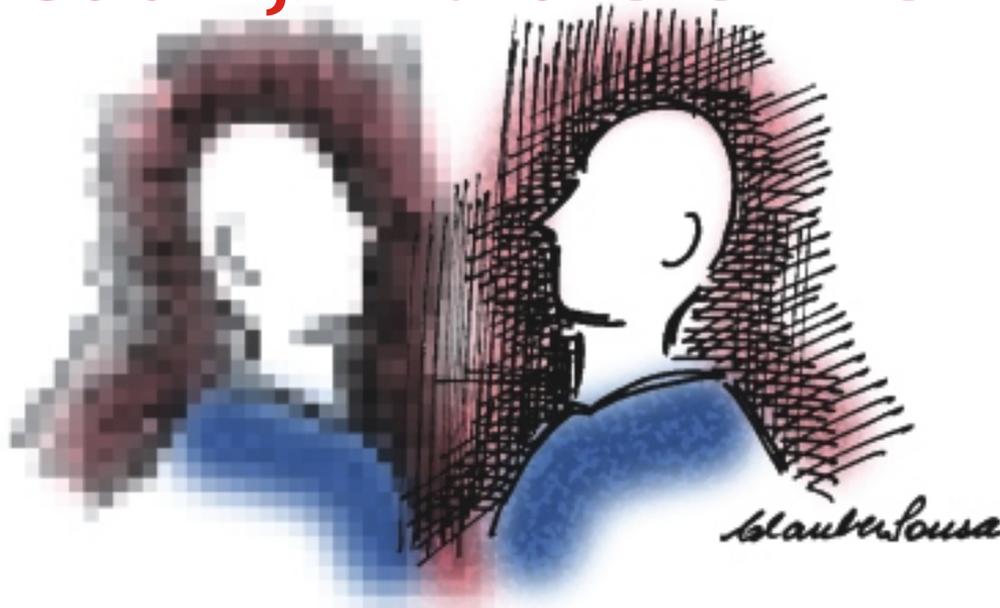


## ARTIGO

# Foucault, mídia e entrevista



“Como você definiria você?” perguntou Roger-Pol Droit a Michel Foucault. “Eu sou um *artificier*. Eu fabrico qualquer coisa que possa servir para um cerco, uma guerra, uma destruição. Eu não sou pela destruição, mas por deixá-la passar, para que possa avançar e derrubar muros. Um *artificier* é inicialmente um geólogo. Ele olha as camadas de terra, as dobras, as falhas. O que é fácil de escavar? O que resistirá?” (entrevista inédita publicada em *Le Point* (1º de julho, 2004, p. 82-93), em homenagem de R-P. Droit à memória de M. Foucault).

O poder midiático não corresponde somente a um poder absoluto da instituição midiática; o poder midiático localiza-se sob diferentes instâncias da mídia, em diferentes graus, materializa-se no conjunto de relações que se realizam na cotidianidade, no âmbito das práticas, em seus efeitos e pode ser flagrado na exploração das camadas e das falhas do terreno hegemônico. No interior desse grande quadro, em que se pode associar poder à tensão contínua entre processos de submissão e resistência dos sujeitos, um olhar atento ao que está acontecendo no presente para melhor decifrar os ardis que nos reserva, poderá deter-se na entrevista como técnica de poder e forma midiática confessional de fazer emergir o verdadeiro.

Nossa hipótese é que a entrevista possa funcionar ora como uma dupla sujeição do entrevistado, que se submete à lógica interrogatório/confissão, e do entrevistador, que segue a norma, ora como uma possibilidade de resistência às práticas jornalísticas através da emergência de práticas desviantes em que os sujeitos não ocuparão mais formas e posições cristalizadas nos pólos da produção e da recepção.

Essa tensão aparece no seio das mídias convencionais e vai se acentuar na internet onde será criada uma forma midiática diferente.

1. Primeiramente, é possível localizar a “neoconfissão”, assim como foi pensada por Edgan Morin, no enquadramento de um gênero de entrevista jornalística em que o entrevistado abandona a superficialidade do acontecimento para realizar um mergulho no interior de si mesmo. A neoconfissão, nesses termos, sustenta-se em um jogo de interrogatório/confissão entre entrevistado e entrevistador que depende de técnicas jornalísticas e de outros saberes auxiliares, como a psicanálise e o direito.

2. Com as ferramentas tecnológicas a produção do verdadeiro pode ser estendida a outros elementos que não fazem parte do jogo midiático. Na entrevista com Susane von Richtöfen, levado ao ar no programa *Fantástico* (9/4/2006), os microfones abertos, sem que a entrevistada soubesse,

deixam aparecer dois fragmentos de conversa íntima entre ela, o seu procurador e o seu advogado, que colocam em evidência a existência do “segredo” que fica escondido de nós no próprio seio da entrevista midiática.

3. A emergência das mídias digitais, mais recentemente, subverte as figuras do entrevistado e do entrevistador. A relação de autoridade entre quem escuta (instância de dominação) e quem confessa (instância de submissão) se desvia das estratégias midiáticas clássicas. Com isso, a seqüência interrogatório/confissão, que era constitutiva da prática de entrevista, será deslocada para uma figura técnica de produtor que não interfere no conteúdo e para uma forma de sujeito que escreve para si e para um olhar possível. O blog americano “confissões eletrônicas” é um exemplar desse tipo de produção que contrapõe o modo de objetivação jornalística, que transforma os seres humanos em sujeitos da entrevista, às práticas de produção do verdadeiro na relação do sujeito consigo mesmo. Ao contrário da neoconfissão, que é regulada pelo saber jornalístico e supõe uma hierarquia entre quem entrevista e quem é entrevistado, no blog digital quem escreve, escreve porque quer e como deseja para um interlocutor em ausência que o “autor” regula por sua própria experiência e que, em um momento distinto, vai praticar um exercício voluntário de leitura.

Há nesse jogo um certo parentesco com as ações arcanas de *ascesis*, que antecedem à confissão e foram descritas por Foucault em “A escritura de si”, em que os atos e impulsos da alma escritos para si mesmo, como se o indivíduo em sua solidão estivesse fazendo revelações a um outro, provocariam no indivíduo que escreve a vergonha de ter sido surpreendido em seus pensamentos mais mesquinhos. Nesse sentido, o blog implode com a concepção de confissão como uma tecnologia de construção de si baseada em uma relação de autoridade e de uma interioridade a ser dita e controlada.

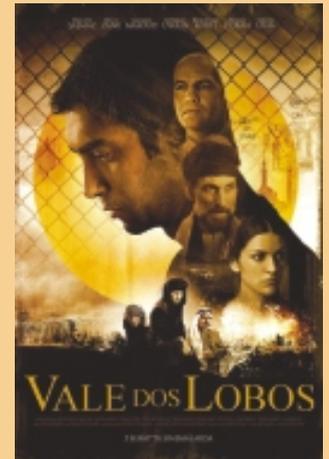
Há que se pensar com mais vagar nessa diferença do exercício de construção de si em ambiente digital. Acho que há diferença, sim, em relação à confissão. Os usuários que buscam a máquina rompem com uma relação de hierarquia e autoridade, por outro lado, os usuários comprometem-se com a internet em um nível corporal, mais do que no caso de assistir tevê ou ler jornal; mais do que em outras mídias, eles aceitam ser controlados pela máquina. Esse é um aspecto que merece ser problematizado de um modo mais complexo.

**Beatriz Marocco**

Jornalista, pesquisadora e professora da Unisinos.

## DICA CULTURAL

## FILME



Filme:

**O Vale dos Lobos**

Direção:

Serdak Arkar, Turquia,  
2006, 122 min

Quem viu?

Fritz Nunes (\*)

Um blockbuster antiimperialista. Essa é uma das definições de alguns sites especializados em relação ao filme “O vale dos lobos”, uma produção turca de 2006 de Serdak Arkar, qualificada como um filme de ação, ao estilo hollywoodiano, mas cujos heróis estão invertidos, com os norte-americanos sendo os vilões. Baseado em fatos reais, a película narra um episódio ocorrido em 4 de julho de 2003, quando o exército estadunidense expulsou do norte do Iraque uma guarnição de soldados turcos. Humilhados, eles foram deportados para o seu país usando capuzes nas cabeças, sem o mínimo respeito pelo uniforme que usavam. Esse dia, que foi chamado “Dia do Capuz”, trouxe desgraça nacional para essa unidade do exército turco. Mas a vingança não tardaria. O filme, que tem poucos atores conhecidos do cinema ocidental (entre os conhecidos, Billy Zane, de “O Fantasma” e “Titanic”), aborda de forma contundente temas amargos como as torturas cometidas pelas forças de ocupação dos EUA na prisão iraquiana de Abu-Ghraib e o tráfico de órgãos. Os Estados Unidos são colocados de forma clara e objetiva como algozes e opressores. Esse filme pode ser encontrado em DVD na *Sul Video Locadora*.

(\*Jornalista da SEDUFSM)